

O DE RATIONE STUDII (OU PLANO DE ESTUDOS), DE ERASMO DE ROTTERDAM

FABRINA MAGALHÃES PINTO

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo. Este artigo investiga alguns dos princípios fundamentais da renovação pedagógica proposta pelo humanista holandês Erasmo de Rotterdam, sobretudo a partir da publicação, em 1511, do *De ratione studii*, um dos principais textos da Renascença a sintetizar os ideais humanistas, que por muito tempo influenciou a composição de diversos manuais educacionais. Premissas como a valorização da *sapientia* dos Antigos, o postulado da *variatio* e a liberdade criativa do aluno são questões fundamentais que perpassam a totalidade dos textos erasmianos dedicados à educação.

Palavras-chave. Erasmo, humanismo, educação, retórica, filosofia, cristianismo.

A INFLUÊNCIA DO HUMANISTA HOLANDÊS ERASMO DE ROTTERDAM FOI DETERMINANTE e quase incalculável para a difusão de uma nova concepção educacional por diversos países transalpinos ainda no século XVI, destacando sempre, em muitas das suas obras, o valor da formação nas *bonae litterae* em oposição às limitações da educação escolástica. Crítico do sistema educacional de sua época, ele elabora, em um período em que o modelo curricular não estava fechado acerca dos objetivos mais adequados à educação e da melhor forma de alcançá-los, um esboço de seus métodos intitulado *De ratione studii* (*Plano de Estudos* ou *Método para estudar*¹), publicado em 1511. Erasmo dedica esta obra a Pierre Viterius, professor das artes liberais em Paris, para atender aos interesses dos alunos aos quais ele ensina. Segundo ele:

Tu me pedes que eu te prescreva um plano de estudos e um método que tu seguirás como o fio de Teseu para te encontrares nos labirintos dos autores. E no que me concerne, é de muito bom grado atender a um amigo tão caro [...] de cujo pedido tão nobre pode-se esperar tantos frutos.²

¹ Utilizaremos neste artigo uma tradução do *De Ratione* feita do latim para o francês (cf. Margolin 1992, 441–67).

² Delcourt 1968, 166. A intenção de Erasmo era dedicar o *De Ratione* a Thomas Grey. No entanto, sua cópia foi roubada em Ferrara por Guilherme Thale, que publicou o texto colocando seu próprio nome na dedicatória. Quando Erasmo percebeu a fraude ele dedicou o trabalho a Pierre Viterius, amigo de Thomas Grey.

Este pequeno esboço de um currículo modelo, baseado em sua experiência pedagógica adquirida durante os anos em que foi professor em Paris, foi, segundo Skinner (1999, 41–100), um dos primeiros a sintetizar os ideais humanistas, tendo influenciado por muito tempo diversos outros manuais, como o de Juan Luis Vives, *De tradendis disciplinis*, de 1531, o de Sir Thomas Elyot, *The Book named the Governor (O Livro chamado O Governante)*, também publicado em 1531, o tratado de Roger Ascham, *The Schoolmaster (O mestre-escola)*, publicado pela primeira vez em 1570, entre outros escritos realizados ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Um primeiro fato que nos chama a atenção nesta obra, além da sua grande repercussão nas escolas e universidades europeias, é a defesa dos Antigos. Para Erasmo, as conquistas dos pagãos, principalmente sua descoberta e usos da *ars rhetorica*, fazem parte de um plano divino. Segundo ele, as maravilhas do mundo, a descoberta do sistema de saber, assim como tudo que foi “brilantemente dito e diligentemente transmitido”, foi dado aos pagãos pela Providência divina para que se desenvolvessem sob os poderes de sua razão, fornecendo importantes subsídios para que, posteriormente, a religião cristã fosse purificada em sua essência e ajudada pelo mais alto conhecimento (cf. Macconica 1993, 16). Este argumento é sem dúvida crucial na estruturação do pensamento erasmiano, sendo a partir da utilidade cristã atribuída pelo humanista à sabedoria pagã que se desenrola de forma mais sólida a defesa das boas letras.

Outra característica desta obra, que constitui um modelo para a organização e sistematização do saber pautado essencialmente nos autores clássicos, tinha como principal objetivo o desenvolvimento de duas das cinco tarefas atribuídas aos oradores antigos: a *inventio* e a *elocutio*. Havia uma concordância geral nos tratados antigos quanto ao número das faculdades que qualquer orador deveria possuir e a ordem em que elas tinham de ser discutidas. De acordo com a *Rhetorica Ad Herennium*, entre as cinco capacidades que o orador deveria cultivar, a primeira era a *inventio*, ou seja, a capacidade de “descobrir as coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável”. A segunda, a *dispositio*, que era a capacidade de “ordenar e distribuir essas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar”. A *elocutio* vinha em terceiro lugar, tratando da acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção”. Em seguida vinham a *memoria*, “a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição” e a *pronuntiatio*, que tratava da voz, semblante e gesto”.³ Embora essa divisão esteja presente nos tratados antigos, o peso que davam para cada uma das faculdades do orador era diferenciado.

³ As citações são todas de Faria & Seabra 2005, 6.

Em geral, apesar de sua importância na arte da eloquência, a *memoria* e a *pronuntiatio* não eram exploradas com tanta profundidade pelos tratados. Ao nos voltarmos, em contraste, para a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio*, encontraremos análises muito mais minuciosas por parte dos retóricos romanos. Autores como Cícero, Quintiliano e pseudo-Cícero, autor de *Rhetorica Ad Herennium*, começam invariavelmente pela *inventio*, conceito geralmente traduzido como invenção dos argumentos. No entanto, associar a *inventio* à ideia de fabricação ou elaboração de argumentos não nos parece traduzir bem o sentido deste termo, pois na Antiguidade a faculdade da invenção era a de descobrir os “lugares” em que se podiam encontrar argumentos adequados, com o objetivo de apresentá-los da forma mais persuasiva. A ênfase do conceito recaía, portanto, não tanto na criação de formas e palavras novas, mas sim no bom uso das que já existiam. Textos como *Ad Herennium* e o *De Inventione*, de Cícero, davam maior importância e dificuldade, entre as cinco tarefas do orador, à *inventio*. No entanto, em textos como o *De Oratore*, escrito em uma fase posterior, a parte mais significativa da tarefa do orador definia-se pela *elocutio*, onde se manifestava todo o esplendor da arte da palavra.

Erasmus retomou em seu *De ratione studii* a tradicional primazia da *inventio* dos tratados antigos, mas não deixava de concedê-la na mesma proporção também à *elocutio*, reafirmando sua concepção eminentemente artística do uso da língua. O humanista unia em seu texto – seguindo os moldes do *De Oratore*, de Cícero⁴ – *inventio* e *elocutio*, *res* (matéria) e *verba* (palavras).

Uma vez tendo descoberto quais argumentos utilizar, o orador deveria aprender a distribuí-los da maneira mais eficaz em seus discursos (*dispositio*). Quanto à *elocutio*, a capacidade de falar e escrever com plena expressividade e, por conseguinte, da maneira mais persuasiva possível, segundo *Ad Herennium*, existem três aspectos principais, garantidores do alcance de uma elocução cômoda e perfeita:

⁴ Aqui sempre citado da edição de Courbaud, 2002. No *De oratore* (2.5) está presente uma das afirmações mais decisivas e influentes dessa tradição: a de que o poder do orador está justamente em aliar a razão à eloquência, ou ainda, filosofia e retórica. Para o autor, “ninguém pode florescer e sobressair-se na eloquência, não só sem a doutrina do dizer (*doctrina*), mas ainda sem uma inteira sapiência (*sapientia*)”. É importante notar que o termo *sapientia*, tradução latina do termo grego *philosophia*, é utilizado por Cícero nesta passagem do *De oratore* com a intenção de unir, ou antes, reunir filosofia e oratória, de fazer do *eloquens* novamente um *sapiens*, e vice-versa, pois a eloquência ciceroniana exigia do orador não apenas o conhecimento dos preceitos técnicos dessa arte, impondo-lhe a tarefa de adquirir uma ampla cultura (a *omnium rerum scientia*), saber universal pelo qual o autor quis aproximar o orador do filósofo. Para Cícero, então, a eloquência deve aproximar-se da filosofia, enquanto conjuga em perfeição *elocutio* e *inventio*, sem prevalecências (cf. todo o primeiro capítulo de Ribeiro, 1994).

Para que convenha o mais possível ao orador, ela deve ter três características: elegância, composição, dignidade. A elocução faz com que cada tópico pareça ser dito correta e claramente. Divide-se em vernaculidade e explanação. A vernaculidade conserva a fala pura, afastada de todo o vício. A explanação torna o discurso claro e inteligível. [...] Composição é o arranjo de palavras que torna todas as partes do discurso igualmente bem polidas. Havemos de conservá-la se evitarmos encontros frequentes de vogais que deixam o discurso com vazios e hiatos, [...] e evitarmos a excessiva ocorrência da mesma letra, [...] ainda se evitarmos a repetição da mesma palavra [...] e não usarmos seguidamente palavras de terminação igual [...]. A dignidade é o que torna o discurso ornado, fazendo-o distinto pela variedade (Faria & Seabra 2005, 223–224).

Cícero, em seu *De Oratore*, prefere deixar de lado os preceitos relativos à pureza do latim, pois estas seriam lições dadas às crianças. Em relação à perfeita clareza do discurso, é evidente, diz ele, que o orador deva “falar com um latim puro, com palavras que exprimam de maneira precisa o que se quer enunciar, que não empregue períodos muito longos, não prolongue as metáforas emprestadas para comparação com outros objetos” (3.13.48–49). Insistia mais na importância da variedade das expressões, palavras, ornatos e temáticas do que propriamente na clareza e na pureza do latim, condições que o orador já deveria saber *a priori* (3.13.48–51).

No *De copia*, tal como Cícero, Erasmo afirmava a profunda relevância da *varietas*, destacando de maneira significativa em seus manuais apenas duas das cinco funções inerentes à atividade do orador: a *inventio* e a *elocutio*.⁵ Contudo, diferentemente do *De oratore*, Erasmo no *De Ratione studii* não faz maiores comentários sobre a *dispositio*, seu objetivo maior é levar o aluno a adquirir a capacidade da invenção, para que pudesse libertar-se dos seus modelos, assim como ensiná-lo a escolher as palavras mais adequadas ao discurso, bem como os tropos e as figuras de linguagem que melhor contribuíssem para o sucesso de sua argumentação. Neste primeiro manual, o humanista procurou desenvolver as faculdades inventivas e criativas dos alunos, destacando a importância não apenas do conhecimento dos autores pagãos, como também a relevância da sua variação; pois, ainda que alguns autores tratassem dos mesmos temas, seria relevante tanto para os mestres quanto para os alunos que o acesso a exemplos diversificados do uso de lugares e figuras de linguagem, de diferentes tipos de estilos, fosse plenamente viável e que compreendessem ao mesmo tempo a forma particular de cada autor em desenvolver a sua argumentação. Assim, apesar de

⁵ Foi Josse Bade quem, em julho de 1512, publicou em Paris a primeira edição do *De duplici copia verborum ac rerum*. Tal como no *De Ratione studii*, no *De Copia* Erasmo enfatiza a união entre *verba* (palavra) e *res* (matéria), pois a dependência estrita do conhecimento das coisas e do conhecimento da linguagem e de seus recursos era traço essencial de seu pensamento (cf. Pinto 2006, 202).

ser uma condição fundamental a associação entre *res* e *verba*, no *De Ratione* o humanista já dava claramente prioridade às palavras, a fim de estabelecer a base inicial da educação na instrução da gramática latina e grega no contexto humanista.

Procurando perceber quais os interesses mais imediatos do humanista no pequeno esboço do *De Ratione studii*, analisaremos passo a passo o seu método para conduzir os alunos na conquista de tais requisitos fundamentais para a educação humanista.

A primeira reivindicação de Erasmo nesta obra é em relação à gramática. A gramática do grego e do latim deveria ser ensinada às crianças desde o início do aprendizado, não somente porque nessas duas línguas estava quase tudo que merecia ser conhecido, mas também porque elas se pareciam uma com a outra, sendo, desta forma, mais fácil ensiná-las juntas do que separadamente. Segundo ele, é fundamental que o aluno cultive e assimile os rudimentos das duas, seja através de um preceptor, seja através da escolha dos melhores autores, que ele espera que sejam pouco numerosos, porém bem escolhidos. Nesse texto desaparece, portanto, o desprezo que o humanista nutria pelos gramáticos no contexto do *Elogio da Loucura*, “raça de homens que seria a mais calamitosa e mais malquista pelos Deuses..., cuja maior felicidade vem-lhes do contínuo orgulho de seu saber” (Pereira 1997, 61). No *Ratione*, pelo contrário, Erasmo considera importante o conhecimento dos gramáticos gregos como Theodore Gaza e Constantin Lascaris, destacando entre os modernos o trabalho de Nicolas Perotti, que parece ser o mais preciso de todos, sem ser, no entanto, muito detalhista.

Mas, se eu reconheço que os preceitos desse gênero são necessários, eu espero que, na medida do possível, eles sejam pouco numerosos, desde que sejam os melhores. Jamais eu aprovei os professores que fazem com que as crianças passem muitos anos nesse tipo de aprendizado. Pois a verdadeira aptidão para falar corretamente se adquire da melhor maneira falando e vivendo com aqueles que falam puramente, e, sobretudo, pela leitura dos autores eloquentes, dos quais é preciso impregnar-se, e daqueles cujo estilo é o mais puro, mas que também dão prazer àqueles que os estudam por um certo atrativo do assunto que abordam.⁶

Desde seus primeiros trabalhos e correspondências, até seus últimos escritos pedagógicos, como é o caso do *Dialogue sur la pronuntiation correcte du latin et du grec* (1528), Erasmo destaca a necessidade do conhecimento do latim e do grego, não apenas por seu valor formal, mas pelo fato de que to-

⁶ Da mesma forma, esta mesma preocupação se repete em seu *Dialogue sur la pronuntiation correcte du latin et du grec*, de 1528, onde ele afirma ser esta a característica essencial que distingue o homem dos animais, devendo ser desenvolvida ainda na infância esta aptidão inata ao aprendizado (Chomarat 1991, 229).

das as coisas dignas de serem lidas foram escritas nestes dois idiomas, pois deste aprendizado depende a dignidade e a felicidade de todo ser humano: “que ele se torne um homem e não uma besta” (Chomarat 1991, 906–907).

Entretanto, pode parecer curioso, mas o humanista só aprendeu o grego, língua sem a qual, escreve Rabelais, “nenhuma pessoa pode se dizer sábio”, após os seus trinta anos durante a sua estada na Inglaterra, e não na primeira infância, como ele propõe no *De ratione*. Foi apenas a partir dos contatos travados neste país com Thomas More, Willian Grocyn e John Colet, que o orientam decisivamente em direção aos estudos bíblicos, que Erasmo concentrou todos os seus esforços na recuperação de sua defasagem no conhecimento desta língua e, por sua vez, de toda a cultura grega (Bainton 1969, 134).

Em 1505, então com 38 anos, Erasmo se inscreve na faculdade de Teologia de Cambridge para ali preparar o seu doutorado, aperfeiçoando o grego e estudando simultaneamente a literatura pagã e a bíblica. A paixão pela precisão e pelo poder de sugestão desta língua leva o humanista a realizar inúmeras traduções de autores gregos:⁷ dos diálogos de Luciano (juntamente com More), de Eurípedes e de Plutarco, além de, entre os anos de 1511 e 1514, ele próprio ministrar alguns cursos públicos de grego na Universidade de Cambridge, publicar sucessivamente seus dois tratados pedagógicos – o *De ratione* e o *De copia* (em 1511 e 1512) – para só depois trabalhar com empenho em uma das suas obras mais importantes: a edição greco-latina do Novo Testamento, publicado em 1516 (Halkin 1995, 57–79).

A valorização do grego pelos humanistas ingleses era tamanha que o Colégio de São Paulo, fundado por Colet em 1508, foi o primeiro estabelecimento a introduzir essa língua como disciplina regular no ciclo de estudos (Godin 1992, 95). A sua importância, no entanto, já vinha sendo percebida por diversos autores da Renascença italiana como, Leonardo Bruni, chanceler florentino, que relatou com entusiasmo a chegada no fim do século XIV de um famoso mestre das letras gregas, Emanuel Chrysoloras, proveniente de Bizâncio, então ocupada pelos turcos. Com a sua vinda, os sábios cidadãos de Florença poderiam finalmente entrar em contato com os saberes da cultura helênica:

⁷ Erasmo diz em seu *De Copia* que a tradução de textos gregos é um excelente exercício para o treino da língua. Podemos perceber, devido às diversas traduções de autores gregos feitas pelo humanista, que ele realmente baseia seus escritos pedagógicos em sua própria experiência. Além disso, Erasmo critica a impertinência daqueles que se dedicam à análise das Escrituras sem antes conhecer os textos clássicos; e ele mesmo só se resolve a traduzir o Novo Testamento após ter se exercitado bastante na língua grega com suas leituras e publicações de autores como Luciano e Eurípedes.

Eis que tu podes ver Homero, Platão, Demóstenes e outros poetas, filósofos e oradores [...], vê-los e também falar com eles, impregnar-te de sua admirável ciência; e tu a deixarás passar? Depois de quase setecentos anos, ninguém na Itália ainda conhece as letras gregas das quais se reconhece que procede toda a ciência [...] Chrysoloras, ele é o único doutor em letras gregas. Se ele se for, tu não encontrarás nenhum outro para que te as ensine.⁸

Como compreender as metáforas ou as sátiras empregadas pelos autores antigos se não houver um profundo conhecimento da sua língua? Para Erasmo, negligenciar o estudo da linguagem é o mesmo que condenar ao fracasso o aprendizado das coisas, como ele afirmava já no *Antibárbaros*, fazendo alusão aos filósofos e teólogos escolásticos que se mantiveram indiferentes ao estilo, à eloquência e assim também à pureza da Palavra e a realização de sua essência ativa, pela qual penetrava nos corações dos homens. Em relação ao seu apreço pela pureza do latim, Erasmo recebeu forte influência de Valla, a quem defendeu repetidas vezes em suas correspondências, relatando sua indignação com as críticas e as injúrias feitas ao “mais eloquente dos homens”: “ele que, por tanto estudo, dedicação e fadiga, refuta as parvoíces dos bárbaros e salva do aniquilamento as letras quase enterradas (Delcourt 1968, 91). O domínio dessas línguas é uma propedêutica indispensável à apreensão das ciências liberais – poesia, retórica, dialética, história e filosofia moral – disciplinas que constituem a essência do currículo humanista. Associado ao estudo das línguas antigas, Erasmo destaca a importância de alguns gramáticos nos quais os alunos devem se pautar para aprofundar seus estudos. Diz ele:

Então, para que possamos colher mais cedo os frutos mais copiosos dos autores nos quais afirmo ser necessário buscar a riqueza da língua, eu gostaria que lêssemos com aplicação Lorenzo Valla, que sobre a elegância da língua latina escreveu da maneira mais elegante. [...] Entretanto, eu não desejaria que sejamos em tudo submissos aos preceitos gramaticais de Valla. Seremos ajudados além do mais se aprendermos de cor as figuras gramaticais ensinadas por Donato e Diomedes; se tivermos na memória todas as leis e as formas de versos; se conhecermos bem o essencial da retórica, isto é, as proposições, os argumentos, os ornamentos, as amplificações e as fórmulas de transição. Porque tudo isso é útil não apenas para julgar, mas também para imitar (Chomarat 1991, 231).

⁸ Leonardo Bruni (apud Garin 1968, 91). P. O. Kristeller também destaca a importância do conhecimento da língua e da cultura grega para a formação humanista, assim como também faz referência à participação de Emanuel Chrysoloras. Diz o autor que, com a chegada deste especialista, iniciou-se, mais de meio século antes da queda de Constantinopla, o êxodo de eruditos bizantinos para a Itália. Em relação à difusão da cultura helênica na Itália ver Kristeller 1979, 143.

Embora o humanista valorize e respeite o trabalho filológico de Valla, defendendo-o sempre dos seus críticos mais mordazes, Erasmo já deixa claro, mesmo em suas correspondências mais antigas, que não é adepto da devoção exclusiva a um único autor, estimulando fortemente, pelo contrário, a *inventio*, na diversidade de exemplos e, por sua vez, de proposições, de ornamentos, técnicas de redescrição, entre outros.

Após o aprendizado das línguas grega e latina, o segundo passo estabelecido por Erasmo a ser dado pelos alunos seria a leitura cuidadosa de alguns dos mais importantes expoentes da cultura clássica. Nada melhor para educar os homens a serem artífices de sua própria humanidade do que a leitura dos textos profanos, que, ao contrário dos textos rigorosos de teologia, traduziam realidades exemplares com imagens imediatas e facilmente apreensíveis. O contato com estes textos não se afirmava apenas enquanto escola de moral universalmente humana, mas, sobretudo, porque propiciava simultaneamente o conhecimento histórico do mundo antigo em todos os seus aspectos, assim como uma aquisição mais precisa de um manancial de exemplos, de expressões, de palavras e de ornatos que funcionariam como um rico acervo de que o orador poderia servir-se em seus discursos. Devido a essa grande importância dos Antigos para o enriquecimento da cultura moderna, Erasmo se preocupava em indicar quais são os manuais necessários ao aprendizado, assim como o que convém observar e notar no autor estudado. Não é sem propósito que o início do aprendizado é dedicado à imitação, sendo a leitura acompanhada de exercícios escritos para que o aluno constituísse um verdadeiro “tesouro na memória”.

Para Erasmo, a verdadeira aptidão para falar corretamente se adquire falando e vivendo com aqueles que falam da forma mais pura⁹ e, sobretudo, pela leitura dos autores eloquentes, entre os quais devemos procurar não só aqueles que possuem o melhor estilo, mas também aqueles que dão prazer aos estudantes pelo atrativo dos temas que abordam. Nesse gênero, entre os gregos, Erasmo cita em primeiro lugar Luciano, em segundo Demóstenes e em terceiro Heródoto. Do lado dos poetas, o primeiro lugar é de Aristófanes, o segundo de Homero e o terceiro de Eurípedes.

Entre os latinos o primeiro lugar é de Terêncio – cujo estilo puro, limpo e muito próximo da linguagem cotidiana, é também agradável aos adolescentes pela natureza do gênero. “Se julgarmos [boa ideia] acrescentar a ele algumas partes escolhidas de Plauto desprovidas de obscenidade, eu não veria de minha parte nenhum inconveniente” (Chomarat 1991, 229). O

⁹ Erasmo, em viagem para a Itália, frequentou a academia do importante editor Aldo Manuzio, onde pôde aperfeiçoar seus conhecimentos da língua e da pronúncia grega, sendo esta a única língua falada pelos humanistas que ali se encontravam.

segundo lugar seria de Virgílio, o terceiro de Horácio, o quarto de Cícero e o quinto de César. “Se acharmos útil acrescentar Salústio eu não me coloco muito contra, e julgo que esses autores são suficientes para o conhecimento das duas línguas” (Chomarat 1991, 229).

Existem alguns aspectos curiosos nesta lista de autores que gostaríamos de ressaltar, tais como: a moralidade erasmiana ao escolher somente as peças de Plauto que estivessem desprovidas de obscenidade; a total ausência de autores cristãos;¹⁰ a sua preferência pelos poetas; a ausência de autores que são recorrentes em suas obras, como Platão, Sêneca, Tácito e Quintiliano, e a referência a outros que quase não vemos citados em seus trabalhos, como César. Poderíamos ainda nos perguntar qual a ordem dos autores a serem estudados, qual o tempo que seria dedicado a cada um deles e quais os trabalhos de Cícero ou Demóstenes deveríamos privilegiar. Estas escolhas seriam feitas apenas pelo preceptor ou as preferências dos alunos seriam consideradas? Estas questões sem dúvida não faziam parte das preocupações do humanista neste pequeno ensaio, porque ele não faz nenhuma menção a elas em seu texto. Portanto, quaisquer que sejam as reservas e as interrogações deste gênero quanto ao manual de Erasmo, devemos ressaltar sobretudo o espírito novo de suas ideias e a importância decisiva de suas escolhas, principalmente se o compararmos com qualquer um dos programas medievais.

Estes, segundo Mecenas Dourado (Dourado 1968, 25), centravam sua educação na leitura de compilações que agrupavam extratos de Varrão, Virgílio, Cícero, Salústio, Celso, Valério Máximo, Catão, Ovídio, Macróbio, Epicuro, Apuleio, Plotino, Teofrasto, do Talmud, de Plauto, Terêncio, Sêneca, Simaco, Hildebert de Mans, Claudiano, Prudêncio, Empédocles, Diógenes, Estácio, Lucano, Rufino, Horácio, S. Bernardo, S. Agostinho... E tudo isso na desordem de 355 folhas de um manuscrito de pequeno formato marcado pela superabundância de autores cujos fragmentos eram escolhidos sem nenhum critério e que não dariam, de forma alguma, oportunidade para o florescimento nem do espírito crítico nem da capacidade criativa.¹¹

¹⁰ Desde o *Antibárbaros* o humanista já proclama que apenas há cultura (*eruditionem*) entre os antigos, fazendo uma série de críticas aos autores cristãos, sendo os melhores aqueles que fizeram uso da cultura clássica, como Santo Agostinho e São Jerônimo. Essa defesa exacerbada do paganismo feita por Erasmo foi atacada diversas vezes por diferentes frentes de combate, como pelos teólogos de Louvain e da Sorbonne, e ainda pelos participantes da Assembleia de Valladolid, reunidos para condenar as heresias dos textos erasmianos, criticando, entre outros aspectos, as diferentes obras onde o humanista expunha seus novos projetos para a educação moderna.

¹¹ O autor cita ainda outros exemplos que compunham a pedagogia medieval, como o *Ma-metrectus*, que fazia o comentário da Bíblia inteira; o *Legenda Santorum*, sobre vários sermões, antifonias e hinos, com algumas notas sobre os meses hebreus, indumentária eclesiástica e outros assuntos semelhantes para uso dos discípulos da Igreja; o *Catholicon*, um dicionário muito

Temos, portanto, de pensar o *Ratione studii* como um manual que dialoga e se opõe diretamente à esta tradição absolutamente restritiva, se comparada com o amplo saber pregado pela pedagogia humanista. Face a este tipo de ensino que era ministrado com base em compilações que reuniam, sem critério, fragmentos de autores de todo tipo, sem nenhuma atenção para o estilo e os ornamentos do texto nem das palavras, sem, enfim, uma concepção que valorizasse a linguagem enquanto criação da razão humana, Erasmo estabelecia novas bases para o saber onde o domínio da variação das formas e dos exemplos nos escritos antigos é fundamental, num contexto ideológico que privilegia a formação de julgamentos críticos e ativos socialmente.

Quintiliano afirma, num trecho bastante influente do livro x de sua *Institutio Oratoria*, que um orador deve tentar dominar três *scientiae* além da própria retórica, que seriam a poesia, a história e a filosofia moral. Em seguida, ele fornece uma lista de autores especialmente dignos de estudo em cada uma dessas disciplinas. Entre os poetas ele cita Homero e Virgílio; entre os historiadores, Tucídides e Heródoto, ao lado de Salústio e Tito Lívio, entre os romanos; e, em se tratando de filosofia moral ou cívica, acrescentara sem hesitação que, “Cícero, que se destaca em todas as formas de produção literária, consegue, nessa forma, rivalizar até com o próprio Platão” (ed. Cousin 1979, 1.123). Segundo Skinner, foi essa visão romana dos *studia humanitatis* que a grande maioria dos teóricos educacionais do Renascimento procurou fazer reviver (Skinner 1999, 41–48).

E, se compararmos esta lista com a de Erasmo, veremos que apenas os historiadores Tucídides e Tito Lívio não fazem parte da sua seleção, pois o humanista não destaca esta categoria em separado, preferindo aqueles autores cujo atrativo na leitura poderiam seduzir mais facilmente os alunos. A seleção de Erasmo, de qualquer modo, seria adotada por inúmeros outros manuais da época. Vives, por exemplo, que dá prosseguimento a muitas das temáticas tratadas pelo humanista, sobretudo aquelas relativas à educação, ao final do seu *Tratado de la Enseñanza (De tradendis disciplinis)* afirma que devemos concentrar-nos nas obras em que encontramos o saber exposto da maneira mais direta, ou seja, nas grandes obras da Antiguidade (Villalpando 2004).

usado pelos teólogos, cuja segurança na etimologia das palavras não era garantida; o *Ebrardus*, que era ao mesmo tempo vocabulário e gramática; o *Cornutus*, composto de dísticos que deviam ser aprendidos de cor, ensinando ainda a significação das palavras de bom emprego entre gente culta, e outros, sendo uma característica comum entre todos esses trabalhos o “pedantismo e a barbárie” (Dourado 1965, 25–30).

Erasmus valorizou ao longo de sua vida as obras dos antigos, tanto editando-os quanto traduzindo-os (como fez com as obras de Plauto, Terêncio, Platão, Plutarco, Cícero, Sêneca e Luciano), pois acreditava nos modelos de ética e de moral por eles fornecidos. Entre muitos exemplos de seus esforços no campo pedagógico, podemos citar os *Adágios*, onde ele deseja não apenas suprir seus leitores com os rudimentos da educação clássica, mas também chamar-lhes a atenção para a forma desses textos, favorecendo o aprendizado e, sobretudo, a aplicação prática desses conhecimentos nas suas próprias vidas. Nessa obra, publicada pela primeira vez em 1500 (muito antes da elaboração de seus textos mais teóricos), ele já sustentava uma ética da busca da interpretação mais apropriada para a vida cristã, estando mais interessado não no produto da interpretação, a ser dogmatizado como verdade, mas sim no processo e no esforço analítico, enfim, na liberdade de pensamento e na crítica, frutos do aprendizado liberal. É a partir dessa motivação e do uso prático que Erasmo faz do aprendizado que pretendemos analisar seu modelo curricular.

Tendo compreendido as gramáticas grega e latina, a criança seria iniciada na arte da conversação, devendo dedicar-se a aprender a falar as línguas antigas como línguas vivas; sendo esta a terceira etapa educacional a ser cumprida. Preocupava-se tanto com a pronúncia quanto com a gramática, cujo significado podia ser alterado ao longo do tempo, procurando devolver à língua a sua pureza e a sua dimensão histórica. Tendo adquirido a capacidade de falar, senão exuberante, pelo menos convenientemente, é necessário que o aluno se volte em seguida para a compreensão das coisas, ou seja, da matéria de seu discurso. Este é o quarto passo a que devia se dedicar assiduamente o aluno.

Embora os escritores que nós lemos para polir a nossa língua nos forneçam um conhecimento das coisas mais que mediano, é necessário de modo sistemático perguntar quase toda a ciência das coisas aos autores gregos. Pois, onde poderíamos colhê-las mais puramente, mais rápido ou mais agradavelmente senão nas próprias fontes? (Chomarat 1991, 230)

Então, para que “possamos colher mais cedo os frutos mais copiosos dos autores nos quais afirmei ser necessário buscar a riqueza da língua, eu gostaria que lêssemos com aplicação Lorenzo Valla” (Chomarat 1991, 230). Para cumprir esses preceitos devidamente torna-se necessário um preceptor cuja tarefa seja a de fazer com que os alunos aprendam o que é importante em cada autor por meio de exemplos, ao mesmo tempo em que se exercitariam escrevendo pequenos trabalhos, que consistiriam basicamente na cópia de breves textos que contivessem algum episódio histórico e mitológico.

A prática, da mesma forma, era uma das maneiras mais eficientes de fazer com que o aluno apreendesse realmente a erudição dos antigos, a parte mais sofisticada de sua arte, em sentenças e palavras raras, sendo esta a quinta etapa do programa do *De Ratione studii*. Ele acrescenta ainda o fato de que cabe ao mestre louvar seus alunos quando eles dizem qualquer coisa exata e lhes corrigir quando eles erram, sendo desta forma que eles se habituam a discorrer com atenção e cuidado.

Assim, munido de tudo isso, no curso da leitura dos autores devemos observar atentamente toda palavra importante, todo arcaísmo ou neologismo, todo argumento finalmente inventado ou habilmente adaptado, toda beleza rara do estilo, todo adágio, toda sentença digna de ser confiada à memória (Chomarat 1991, 231).

A sexta etapa consistia no estímulo que devia ser dado à memória. Nos tratados antigos o exercício da memória era de importância decisiva para a boa eloquência, por esse motivo, algumas obras como a *Rhetorica Ad Herennium* e a *Institutio Oratoria* de Quintiliano se detinham com mais cuidado sobre essa questão. A natureza do tratamento bastante breve que Erasmo concede ao tema em seu *De Ratione studii*, é um ponto sobre o qual devemos nos deter um pouco para compreendermos melhor o sentido da revolução educacional que propunha.

A grande mudança ocorrida nas escolas e universidades da Renascença, como ressalta Garin (Garin 1968, 22), foi muito mais profunda do que a simples substituição dos manuais escolásticos pelos manuais humanistas, pois os textos destinados a serem fixados pela memória, geralmente com a ajuda de um elemento rítmico e de fórmulas para sua aplicação mecânica, não ser substituídos por um grande número de fontes clássicas cuja memorização no sentido medieval seria impossível. Portanto, este autor destaca que um dos pressupostos mais importantes da reforma educacional é a substituição do aprendizado calcado na memorização e nos comentários dos textos, por outro relacionado à apreensão dos conteúdos e à produção de novos textos.

Com isso não queremos dizer que os escolásticos não se preocupassem com disciplinas como a ética e a filosofia moral,¹² ou até mesmo com a oratória, por lidarem quase que exclusivamente com os textos antigos reunidos em fragmentos escolhidos muitas vezes de forma aleatória. O fato é que eles se apropriavam desses conhecimentos, subordinando-os aos seus próprios objetivos; a filosofia moral, por exemplo, instituída a partir do aris-

¹² De acordo com Jerrold Seigel, uma questão fundamental para o programa do humanismo renascentista – opondo-se ao sistema escolástico – foi o desejo de combinar eloquência e sabedoria, para unificar filosofia e retórica. (Seigel 1983, II, 12)

totalismo da escolástica, na primazia da vida contemplativa, considerava a eloquência como um obstáculo à filosofia. Na cultura da Renascença, pelo contrário, informada pelas obras de Cícero, a prescrição para a verdadeira filosofia moral e genuíno espírito cristão estava na reunião entre a sabedoria e a eloquência, para torná-la efetiva na vida dos homens.

Outra peculiaridade do ensino escolástico medieval é que todo o seu método de ensino é baseado na leitura dos textos, havendo, de um lado, os autores que possuem valor próprio e têm sua autoridade reconhecida e, de outro, os leitores, que são os mestres que ilustram as sentenças dos autores, expondo de modo mais detalhado seus argumentos. Os mestres, neste caso, são apenas leitores e nunca autores. Este conceito, segundo Gumbrecht 1998, surge apenas no Renascimento, no âmbito do qual foi possível o desenvolvimento de um ideário de valorização plena da criação humana, sendo nesse momento que o autor ganha a dignidade da criação da obra, emprestando a ela toda a força de suas capacidades, ao passo que, ao contrário, no contexto medieval, ensinar consistia somente em ler e comentar um conteúdo cuja essência estava dada, em função da verdade transcendente de Deus. Assim, aquele que aprendia era automaticamente privado da criação, sendo seu aprendizado limitado à produção de questões (*quaestiones*) sobre as passagens mais espinhosas, a serviço da enunciação dos dogmas e da resolução de conflitos em torno dos mistérios divinos da Bíblia.

A cultura renascentista, por sua vez, não concebia mais o processo do conhecimento de forma passiva, como definitivo e imutável, procurando tornar os homens capazes de agir, de descobrir e de conhecer, pois a condição humana, de acordo com a crença humanista, não era fixada essencialmente pela mancha do pecado, mas podia sim ser aperfeiçoada através do conhecimento e do cultivo das virtudes.¹³ Dessa forma, como aponta Garin, o acento que se coloca com insistência sobre o tema dos *studia humanitatis* e da formação do homem constitui um dos motivos dominantes dessa nova cultura na qual os autores e seus exemplos vão assumir uma singular importância. Na base dessa nova maneira de educar, havia fundamentalmente a preocupação de formar a juventude e de ajudá-la a estimular suas próprias energias naturais, sem a condicionar, limitando sua ação no interior

¹³ Em relação a este ponto, o texto do humanista Pico della Mirandola sobre *A Dignidade do Homem* (1486) é bastante explícito. Diz ele: “não te fizemos nem celeste nem terreno, nem mortal ou imortal, de modo que assim, tu por ti mesmo sejas o escultor da própria imagem [...] e possas retratar a forma que gostarias de ostentar.” Segundo a abordagem de Pico, “o homem poderá pelo seu próprio mérito, tanto “descer ao nível dos seres mais baixos e embrutecidos, quanto ao invés, por livre escolha da tua alma, subir aos patamares superiores, que são divinos” (ed. Feracini 1999, 53–54). E seria justamente através de uma nova educação – pautada nos *studia humanitatis* – que este novo homem moderno poderia se libertar do pecado original e ascender aos níveis mais altos da hierarquia celestial.

de uma moldura rígida e de fórmulas dogmáticas. As noções gramaticais e léxicas puramente memoriais, assim como os manuais elementares são reduzidos tanto quanto possível, neste novo contexto, pois o objetivo agora é ascender aos próprios modelos antigos, e como que recriá-los. E, deste modo, os autores se transformaram em objeto de uma pesquisa contínua, não apenas por se constituírem como paradigmas de expressão, mas como fontes autênticas do saber (Garin 1968, 28–29).

Com a necessidade de se respeitar a liberdade e individualidade do aluno, o mestre deve dirigir seu espírito de uma maneira radicalmente oposta, portanto, ao método escolástico, fundado essencialmente sobre a memória e sobre a repetição interminável de fórmulas ou receitas prontas. Com o pouco destaque que Erasmo concedia à memória em seu tratado, ele enunciava, na verdade, uma tópica cara às noções humanistas, opondo o artificialismo das técnicas mnemônicas ao desenvolvimento natural do intelecto e das capacidades próprias do juízo do aluno.¹⁴ Assim, segundo ele, uma seleção entre os nomes, os fatos e as noções indispensáveis ao exercício da boa argumentação se operará naturalmente, podendo ser facilitada por pequenos “sinais não apenas variados, mas especializados, a fim de que sejam reconhecidos no primeiro golpe de vista”, inscritos nas margens dos manuais ou nos cadernos dos alunos. Entretanto, segundo Erasmo:

Embora eu não conteste que a memória possa ser ajudada pelos lugares e pelas imagens, a melhor memória repousa sobre três pontos principais: a compreensão, a ordem e o cuidado; porque cabe à memória ter compreendido a coisa a fundo (Chomarat 1991, 231).

Quanto a esta menção do humanista aos lugares e às imagens da memória, podemos reconhecer um distanciamento seu também em relação a Cícero. Ao fim do segundo livro do *De Oratore*, com efeito, o orador mostrava a importância crucial da arte da memória como atributo indispensável para a realização da eloquência ideal. As técnicas de memorização dos temas e formas dos discursos, através do recurso à abstração das imagens e dos lugares, permitiam a excelência do desenvolvimento da memória natural do homem como num processo mecânico. O orador deveria formar imagens das coisas de que desejasse lembrar-se e depois ordenar essas imagens em diversos lugares. Deste modo, a ordem dos lugares conservaria a ordem das coisas.

Já no tratado de Erasmo, a memória era um ponto menor, porém, não indigno de ser aconselhado, fornecendo uma ajuda importante para as coisas cuja rememoração é tão difícil quanto necessária (como os lugares geográ-

¹⁴ Sobre a enunciação desta contraposição fundamental, ver, por exemplo, os ensaios *Da Presunção* e *Dos Mentirosos*, respectivamente décimo sétimo e décimo oitavo do segundo volume dos *Ensaio*s de Montaigne (ed. Milliet 1972).

ficos, as figuras de gramática, as genealogias ou coisas parecidas); portanto, devemos escrevê-las de forma concisa em quadros suspensos na parede dos quartos, a fim de tê-los diante de nossos olhos mesmo quando não prestamos atenção (Chomarat 1991, 232). No contexto humanista, de larga difusão das obras dos antigos, das novas técnicas da imprensa e da emergência de grandes escolas e bibliotecas, a memória não podia ter tanta utilidade quanto para os antigos, que concebiam o estudo da eloquência sobretudo no âmbito da oralidade e não da escrita, ou seja, na esfera da ação imediata do orador nas questões do fórum e das assembleias. A parte disso, o imperativo erasmiano da transformação do espírito sob o cultivo de uma fé intensa, centrada nos poderes da razão e da virtude, combinava pouco com a primazia do acúmulo de saberes, prática própria aos autores de seu tempo, que buscavam a glória pública na exibição de uma erudição oca. Estes, do ponto de vista do pensamento de Erasmo, pouco se diferenciavam dos teólogos medievais, cuja religiosidade, pautada na contemplação, se beneficiava da centralidade da memória como processo de conhecimento,¹⁵ pela qual a ação crítica se paralisava para dar lugar à acumulação de assuntos numa repetição mecânica e verbal para a plena interiorização dos dogmas e postulados da tradição.

Entretanto, o fator mais importante quanto a este tema, segundo o *De Ratione*, é que: “o que queremos lembrar deve ser lido atentamente e muitas vezes, assim como recitado com frequência, para que, se alguma coisa nos escapar, nós possamos recuperá-la” (Chomarat 1991, 241). A pedagogia erasmiana ressaltava a dedicação e o esforço do aluno, a utilidade do estudo e a conjunção entre uma educação moral e a formação intelectual, pois sua educação liberal é fundada sobre o exercício de julgamento pessoal, no desenvolvimento das faculdades naturais, assim como na prática de uma imitação que deve ser cultivada principalmente nos primeiros anos do aprendizado, mas que num estágio posterior não seja escrava dos modelos antigos, dando lugar à imaginação e à capacidade criativa do aluno. De modo geral, como dissemos, se este programa valoriza o estudo da gramática como uma disciplina útil e mesmo indispensável, está fundado também sobre uma prática cotidiana, sobre os exercícios da escrita e da conversação, e não sobre uma teorização fechada e autossuficiente da arte de escrever ou de um sistema de pensamento. Desta forma, recorrendo mais aos exemplos contidos nos textos antigos que a longas definições abstratas, a maior parte das figuras de retórica (amplificação, comparação, metáfora, gradação, prosopopeia, entre outras) pode ser compreendida pelos mestres e pelos alunos pelo exercício feito por eles próprios na escrita de frases ou de pequenos

¹⁵ Sobre a função da memória na pedagogia medieval, ver Dourado 1968, 33. Citamos também as excelentes obras de Yates 1974 e Carruthers 2002.

ensaios que utilizavam essas figuras, que ficariam assim gravadas nos espíritos daqueles que imitaram suas fórmulas. Seria essencialmente na prática e na dedicação dos alunos que estariam pautadas as regras principais do manual humanista.

Distanciando-se, portanto, de maneira fundamental da forma pela qual a arte da memória foi elaborada na Idade Média e da primazia que tinha entre os antigos, Erasmo aponta outra direção para a educação, valorizando a compreensão, a interpretação e, daí, a assimilação. “Essa é, na sua expressão mais simples e fundamental, toda a revolução da pedagogia do Renascimento propugnada eficazmente, entre outros, por Erasmo (Dourado 1968, 34).” Em um pequeno colóquio publicado em 1529, chamado *Ars notaria*, Erasmo esboça a sua opinião sobre a arte de memorização, que, segundo a crença de seu interlocutor, tornaria possível o aprendizado de todas as ciências liberais sem o menor esforço.

DESIDERIUS: O que continha o livro [da *ars memorandi*]? — ERASMUS: Diferentes figuras de animais, como dragões, leões, leopardos, diversos círculos onde estavam escritas palavras em línguas diferentes; grega, latina, hebraica ou bárbara. — DESIDERIUS: Em quantos dias o método do trabalho prometia o conhecimento das ciências? — ERASMUS: Em quatorze dias. — DESIDERIUS: Essa promessa é certamente magnífica; mas você conhece alguém a quem essa arte mnemônica tenha feito sábio? — ERASMUS: Não. — DESIDERIUS: Ninguém jamais viu nem jamais verá, a menos que veja alguém se enriquecer pela alquimia. (Margolin 1999, 238)

Margolin (1999, 237) ressalta que, entre os séculos XIV e XVI, a *ars memorandi* tornou-se uma técnica esotérica muito próxima das fórmulas e regras da magia, da cabala e da astrologia, disciplinas estas, pelas quais Erasmo e alguns de seus amigos não demonstraram a menor simpatia, se recusando a assimilar os princípios destas “ciências”. Dando total descrédito a essa arte mágica que prometia o conhecimento das ciências em apenas 14 dias, em seu *De pueris instituendis (A Educação das Crianças)*, também de 1529, tratando de questões inerentes ao aprendizado real, como o rápido esquecimento das coisas aprendidas pelos alunos, Erasmo aconselha-os sobre qual seria então a técnica para se ter uma boa memória.

É preciso fechar a fenda para que nada se perca... [No entanto, ela não seria fechada] nem com espuma e nem com gesso, mas com trabalho. Aquele que aprende as palavras sem compreender seu significado as esquecerá rápido... De fato as palavras, como diz Homero, são aladas; elas levantam voo facilmente se os pensamentos não lhe servem de contrapeso. Aplica-te então de início a bem compreender o que tu lês, depois examina em tudo o sentido e repassa-o para tu mesmo de vez em quando: é nisso que tu deves aplicar teu espírito, a fim de acostumar-te a refletir a cada vez que for necessário. (Feracini 2006, 86)

Erasmus no *De pueris* não conhece outra arte mnemônica que não seja aquela baseada no trabalho, no amor ao estudo e na assiduidade.

Uma das questões centrais que emerge ao observarmos essas regras para a formação dos alunos é a importância que a noção de *variatio*, seja dos estilos, seja das palavras, seja das expressões, assume no texto erasmiano. Erasmus procura desenvolver as faculdades inventivas e criativas dos alunos, destacando a importância não apenas do conhecimento dos autores pagãos, como também a relevância de sua variação. Variação das figuras gramaticais mais importantes, assim como nas várias formas de se exprimir uma ideia, cuidando especificamente da diversidade de significados que pode ser atribuído a uma única palavra ou expressão e das várias possibilidades que pode adquirir a linguagem em contextos diferenciados. É nesse sentido que Jean-Claude Margolin afirma que:

Erasmus, enquanto retórico e pedagogo, procura inicialmente a *varieté* como um músico que compõe diversas variações sobre um tom dado, ou muda de um instrumento para outro, se arriscando a alterar o ritmo da melodia [...], pois, tanto ele quanto os mestres aos quais ele destina seu trabalho, querem ensinar a riqueza e a maleabilidade da linguagem a partir do uso de boas fontes, mas que eles a alcancem igualmente em função das suas necessidades e segundo seu gênio próprio. (Margolin 1999, 221)

Esse princípio da *variatio*, tão renegado por diversos humanistas italianos – fixados única e exclusivamente no modelo ciceroniano, como Erasmus bem mostra em seu diálogo *Ciceronianus* (ed. Mesnard 1970) – é justamente um dos fatores que possibilita a emergência na Renascença da noção de autor e de liberdade inventiva, descolada dos modelos fixos da Antiguidade. Eles serviriam sim como ponto de partida, pois o aluno aprenderia as gramáticas grega e latina, treinaria a fala e a escrita nestas línguas, transcreveria várias passagens dos principais autores clássicos, estudaria e aprenderia a escolher as melhores palavras, expressões e recursos retóricos, assim como empregá-los corretamente, mas, ao fim dessas etapas, ele também deveria exercitar a livre composição, a liberdade de criação.

Com estas etapas estipuladas brevemente pelo *De Ratione studii* o aluno é introduzido nas questões iniciais da retórica ao estudar as figuras de estilo e os tipos de discurso. Da mesma forma que os exercícios escritos que acompanham as explicações dos textos constituem um prelúdio ao estudo aprofundado da retórica (desenvolvido no *De copia*), os autores escolhidos pelo aluno ou pelo preceptor também servem de modelos para os oradores iniciantes imitarem. Para Erasmus, o conhecimento da linguagem, da gramática e dos exemplos deixados pelos autores clássicos daria aos estudantes a liberdade de formular seu pensamento com facilidade e exatidão. Já aqueles que não tiveram o devido cuidado com as palavras pas-

sariam uma impressão de verbalismo, por isso a prioridade dada pelo humanista à palavra simboliza sua opção pelo orador em oposição ao filósofo, pelo professor de retórica em oposição ao dialético, ou se preferirmos, pelo humanista em contraste com o teólogo escolástico.

Se o *De Ratione Studii* é um breve ensaio – escrito às pressas como o humanista mesmo diz –, onde procurou evidenciar a importância da variação dos autores clássicos, a compreensão do significado de suas obras através do entendimento de algumas figuras de retórica e do exercício constante, preocupando-se, sobretudo, com a formação do espírito dos seus alunos, no *De Duplici Copia Verborum ac Rerum*, publicado em 1512, podemos notar de forma mais clara a importância atribuída por Erasmo ao conhecimento das regras da *elocutio*, sendo através de sua apreensão que o estudante poderia ornar um bom discurso, mediante a escolha refletida entre os recursos de que dispunha. Erasmo tentou estabelecer também neste manual algumas regras técnicas para a invenção, mas o caráter livre da sua produção é, por consequência, irredutível à elaboração de fórmulas exatas e imutáveis que não deixem o espaço necessário para a criatividade e a inventividade dos alunos formados nas disciplinas liberais. Segundo Eugênio Garin (1968, 103), educar para esses humanistas não significava formar um rígido programa pedagógico, mas, ao contrário, liberar as potencialidades naturais dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- Bainton, Roland. 1969. *Erasmo da cristandade*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbekian.
- Carruthers, Mary. 2002. *Machina memorialis: méditation, rhétorique et fabrication des images au moyen âge*. Paris: Gallimard.
- Chomarat, Jacques, ed. 1991. *Érasme: Oeuvres choisies*. Paris: Librairie Générale Française.
- Courbaud, Edmond, ed. 2002. *Cícero: De l'orateur*. Paris: Les Belles Lettres.
- Cousin, Jean, ed. 1979. *Quintilien: institution oratoire*. Paris: Les Belles Lettres.
- Delcourt, Marte, ed. 1968. *Érasme: Correspondance: 1484–1517*. Paris: Gallimard.
- Dourado, Mecenas. 1968. *Erasmo e a revolução humanista*. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
- Faria, A. P.; Seabra, Adriana, eds. 2005. *[Cícero]: Retórica a herênio*. São Paulo: Hedra.
- Feracini, Luiz, ed. 1999. *Pico della Mirandola: A dignidade do homem*. Campo Grande: Solivros–Uniderp.
- Feracini, Luiz, ed. 2006. *Erasmo: De pueris (dos meninos); A civilidade pueril*. São Paulo: Escala.
- Garin, Eugenio. 1968. *L'éducation de l'homme moderne (1400–1600)*. Paris: Fayard.
- Godin, André. 1992. "Dictionnaire". In *Érasme*. Paris: Robert Laffont.
- Gumbrecht, H. U. 1998. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34.
- Halkin, L. E. 1995. *Erasmo entre nosotros*. Barcelona: Herder.

- King, D. B.; Rix, H. D., eds. 1963. *Erasmus: On copia of words and ideas*. Milwaukee: Marquette University Press.
- Kristeller, P. O. 1979. *Renaissance thought and its sources*. New York: Columbia University Press.
- Macconica, James. 1993. "Erasmus". In *Renaissance Thinkers*. Oxford–New York: Oxford University Press.
- Margolin, Jean-Claude. 1977. *Érasme par lui-même*. Paris: Le Seuil.
- Margolin, Jean-Claude. 1991. *Images et lieux de mémoire d'un étudiant du xvi siècle* (en collaboration). Paris: La Maisnie.
- Margolin, J. C., ed. 1992. *Érasme: Le plan des études (de ratione studii)*. Paris: Robert Laffont.
- Margolin, Jean-Claude. 1995. *Érasme, précepteur de l'europe*. Paris: Julliard.
- Mesnard, Pierre, ed. 1970. *Érasme: Le cicéronien*. In *La philosophie chrétienne*. Paris: Vrin.
- Milliet, Sérgio, ed. 1972. *Montaigne: Ensaïos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Pereira, M. E., ed. 1997. *Erasmus de Rotterdam: O elogio da loucura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, F. M. 2006. *O discurso humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Ribeiro, Adriano. 1994. *Sobre o orador em Cícero*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP.
- Seigel, J. 1983. "Ideals of eloquence and silence in Petrarch". In *Renaissance Essays*. New York: University of Rochester Press.
- Skinner, Quentin. 1999. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Unesp.
- Yates, Francis. 1974. *El arte de la memoria*. Madrid: Taurus.
- Villalpando, J. M., ed. 2004. *Juan Luis Vives: Tratado de la enseñanza; introducción a la sabiduría; escolta del alma; diálogos; pedagogía pueril*. México: Porrúa.



Abstract. This article investigates some of the fundamental principles of the pedagogic renovation proposed by Erasmus, above all from the publication, in 1511, of *De Ratione studii*, one of the principal texts of the Renaissance to summarize the humanist ideals and that for long time have influenced the composition of several education manuals. Premises as the increase in value of the *sapientia* of the Ancients, the postulate of the *variatio* and the creative freedom of the student are basic questions that pass over the totality of the texts of Erasmus dedicated to the education.

Keywords. Erasmus, Humanism, Education, Rhetoric, Philosophy, Christianity.